

## DIA MUNDIAL DO MEIO AMBIENTE 2008: O QUE TEMOS PARA COMEMORAR?

Vicente Medaglia\*

Os Séculos XX e XXI ficarão marcados na História da Humanidade como um experimento trágico de até onde pode ir a combinação explosiva entre inovação tecnológica, sofisticação organizacional e ganância econômica. Karl Polanyi, economista que viveu o período entre-guerras, já em 1944 escreveu que uma sociedade baseada no Mercado Auto-Regulado caminharia necessariamente para a destruição de suas estruturas social e ambiental<sup>1</sup>.

O Dia Mundial do Meio Ambiente foi estabelecido na Assembléia-Geral da ONU de 1972, mesmo ano da Conferência de Estocolmo<sup>2</sup> que marcou o princípio da preocupação internacional com a questão ambiental. Neste mesmo ano, o Clube de Roma lançou seu livro “Limites ao Crescimento” em que se afirmava que o crescimento populacional, conjugado com o consumo de recursos naturais, levaria a um colapso da base ecológica do planeta.

Fazendo um salto na História, em 2006 o WWF, junto com outras organizações, lançou seu “Relatório Planeta Vivo 2006”<sup>3</sup>. Esse relatório apresenta duas análises: uma com base no indicador “Pegada Ecológica” e outro com base no indicador “Planeta Vivo”. O primeiro indicador é o que interessa para essa análise e trata de quantificar o quanto (em hectares de ecossistemas produtivos) cada ser humano do planeta precisa para satisfazer o seu consumo. Os resultados são estarrecedores. Segundo esses cálculos, a humanidade consumia em 2004 o equivalente à produtividade de 1,2 Planeta Terra! Ou seja, um só Planeta não basta para nós, precisamos de 20% a mais. A evolução da situação é retratada no seguinte gráfico:



Para melhor compreender a situação, façamos uma analogia: imaginem que uma pessoa tem dinheiro investido no banco e vive da renda do mesmo. Imaginem que ela tem uma aplicação de R\$ 50.000,00, que rendem 1% ao mês. Portanto, ela tem uma renda de R\$ 500,00 por mês e vive dela. Imaginemos, contudo, que essa renda não lhe basta, e ela começa a sacar dinheiro de sua aplicação. Suponhamos que saca, além do rendimento, mais R\$ 100,00 (20% a mais da renda), de forma a que tenha R\$ 600,00 para gastar por mês. No primeiro mês ela terá R\$ 49.900,00, no segundo R\$ 49.800,00, e assim por diante. Ocorre que o seu investimento renderá cada vez menos, e ela terá que sacar cada vez mais para ter os R\$ 600,00 a cada mês. É evidente que é uma conduta instutentável que tende ao colapso.

E é isso que ocorre hoje com a relação do consumo da humanidade com a disponibilidade de recursos naturais. O ambiente produz uma “renda” na forma de recursos renováveis: colheitas agrícolas,

\* Filósofo, Coordenador-Geral do Instituto Gaúcho de Estudos Ambientais - InGá

1 Polanyi, K. *A Grande Transformação*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2000/1944.

2 Conferência das Nações Unidas sobre o Ambiente Humano

3 World Wildlife Fund, Zoological Society of London, Global Footprint Network. *Living Planet Report 2006*. disponível em [assets.panda.org/downloads/living\\_planet\\_report.pdf](http://assets.panda.org/downloads/living_planet_report.pdf)

recursos pesqueiros, água, ar, nutrientes, etc. Mas para que haja “renda”, é necessário que exista um montante “aplicado”, na forma de ecossistemas saudáveis, cursos d'água protegidos, ciclos meteorológicos regulados, etc. É sobre esse “capital natural” que estão sendo feitos os “saques” constantes na forma de atividades humanas insustentáveis, como agricultura intensiva em mecanização, fertilizantes químicos e agrotóxicos, sobre-consumo de energia, emissões gigantescas de carbono, etc.

Paradoxalmente, a metáfora bancária utilizada para explicitar (didaticamente) a situação da Pegada Ecológica Global aproxima-se da causa mesma desta tragédia: considerar o Planeta como uma fonte de “recursos” com a finalidade de obter lucros. Esse é o principal pecado das gerações que criaram essa situação. Quase toda a sociedade globalizada está voltada para a obtenção de lucro financeiro, praticamente desconsiderando as muitas outras dimensões da vida humana e não-humana. Paradoxalmente também, segundo as análises de Pegada Ecológica, o limite de sustentabilidade planetário foi rompido poucos anos depois dos avisos da Conferência de Estocolmo e do Clube de Roma!

Por último, para responder à pergunta do título, vejamos como está a situação ambiental em vários níveis de organização da sociedade: no nível Municipal de Porto Alegre, o principal poder é o da indústria da Construção Civil. As áreas verdes da cidade estão sistematicamente destruindo o rico patrimônio que (pasmem!) ainda nos resta na forma de uma Zona Rural. A água está intragável (quantas pessoas compravam água há dez anos atrás, comparado a hoje?), o trânsito caótico e o ar, em muitos locais, irrespirável. No nível estadual, vivemos uma situação de desmonte da Secretaria de Meio Ambiente voltado à satisfação dos financiadores de campanha da corja estabelecida nos Palácios, principalmente a indústria da celulose. Em nível nacional, o governo e a sociedade jazem rendidos ao capital especulativo e às grandes multinacionais, notadamente as do agronegócio.

Em todos os níveis impera a sede por lucros, desconsiderando que já foi rompido o limiar da sustentabilidade. Enquanto esse sistema de valores morais não sofrer profundas alterações, não há, a não ser para os setores corrompidos ou ingênuos, motivo para comemoração. Antes, o Dia Mundial do Meio Ambiente marca a patética tragédia de uma sociedade que reduz tudo à dimensão dos Mercados: os Moinhos Satânicos de Karl Polanyi!